

O Cotidiano nos Calçadões

Universidade Estadual da Paraíba

José Glaydson Pereira de Souza*

Índice

1 O Calçadão da Cardoso Vieira: Espaço Público e Vida Social	1
2 Referências	6

Resumo

Este texto aborda os estudos do cotidiano e sua relação com o espaço público das cidades, mais precisamente os locais de encontro da população e com o espaço simbólico midiático onde esse cotidiano configura-se. Mas antes, faz-se necessário uma breve passagem pelas abordagens do cotidiano.

As consideradas pequenas ações, interações e o conhecimento empírico desprezados pelo pensamento positivista por décadas, são hoje foco de investigações a partir dos estudos do cotidiano. Se antes partia-se de uma visão macro sistêmica para se entender o funcionamento da sociedade, atualmente a rua, o bairro, a cidade e suas inter-relações podem contribuir significativamente na compreensão de vida social. Autores como Henri Lefebvre, Alfred Schütz, Michel Maffesoli,

*Graduado em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba.

entre outros, vêm cada qual a seu modo, problematizando o cotidiano e o desmistificando a concepção de que se trata de uma forma inferior de conhecimento.

Lefebvre direciona sua abordagem para uma perspectiva marxista onde a vida cotidiana é consequência das relações de produção. Já Schütz com sua perspectiva fenomenológica atribui à vida cotidiana um caráter fragmentário composto de percepções intersubjetivas e realidades múltiplas. Para Maffesoli a vida cotidiana é fragmentada, mas também é plural, ele valoriza a experiência e o senso comum como significantes do dia-a-dia. A partir de Maffesoli e Schutz, veremos que os espaços públicos urbanos, locais de encontro e conhecimentos partilhados, nesse contexto, evidenciam o cotidiano simbólico das trocas, da contemplação, da pluralidade. Outro ponto que discutiremos é proximidade entre os espaços públicos e alguns espaços midiáticos, quando estes tentam reproduzir a diversidade dos assuntos tratados no cotidiano.

1 O Calçadão da Cardoso Vieira: Espaço Público e Vida Social

Antes de começarmos a falar de espaço público urbano é inerente passarmos pela atmosfera na qual esses espaços se inserem,

as cidades, símbolo de desenvolvimento e modernização, apesar dos antagonismos que esses termos incitam. Pois a partir deles, podemos questionar: desenvolvido e modernizado para quem? O fato é que, mesmo havendo tais contradições, as cidades com sua arquitetura, economia e urbanização se tornaram arquétipos de modernização desde a Revolução Industrial. Assim aconteceu em São Petersburgo, Rússia, no século XVIII, aonde para se chegar a esse modelo urbano de cidade foi necessário “sublimar” muitas dessas contradições que vinham acompanhando o crescimento, como por exemplo, as favelas escondidas atrás de belas fachadas de edifícios. Qualquer semelhança com os dias de hoje, não é mera coincidência. Não obstante a isso, as cidades são cenários onde a vida social acontece das mais variáveis formas.

Quando nos referimos à vida social, estamos destacando não só o mundo do trabalho e das obrigações, mas principalmente o mundo das não obrigações, ou seja, os momentos em que nos relacionamos socialmente nos quais a sobrevivência não está necessariamente conduzindo esta relação. As cidades, em geral, possuem inúmeros locais onde estas formas de interação ocorrem, principalmente os espaços públicos, as praças, ruas centrais, parques etc:

Originalmente, o espaço público grego fora constituído em torno da praça do mercado a *agora*; mas, para que a ação política viabilizada, requeria-se primeiramente a constituição de lugar definido e duradouro destinado a suportar a reunião dos cidadãos, num mesmo espaço que sobrevivesse à duração de suas vidas. A solução foi criar a criação da *po-*

lis, esfera pública de permanência transgeracional, capaz de preservar a memória da ação coletiva. (NERIONE N. CARDOSO JR, 2005, p.34)

Não iremos a fundo à conceituação de espaço público. A nós interessa a concepção de que ele se caracteriza um local de diferentes práticas sociais, onde grupos distintos fazem uso socialmente, culturalmente, politicamente e economicamente. São também locais onde é possível compreender o ritmo e a identidade de uma cidade. Nesses ambientes acontecem os eventos políticos e culturais considerados mais importantes. E onde a sociabilidade e socialidade podem “transitar” no ritmo do cotidiano.

O Calçadão da Cardoso Vieira, em Campina Grande, representa bem o cotidiano Maffesoliniano. Nesta pequena rua-praça, o “saber-fazer”, “saber dizer” e “saber viver” são ações corriqueiras que coexistem com os diversos tipos de saberes. É comum passarmos no calçadão e encontrarmos ciganos lendo mãos, artistas circenses se apresentando no meio da multidão, vendedores ambulantes, engraxates, pedintes etc. Ao redor, há lojas, café, lotérica, farmácias etc., o comércio formal e informal lado a lado. Aqui nos deparamos, também, como o “mundo da vida” de Schutz, (MORETZOHN, 2007) que neste caso está representado pelo pragmatismo da sobrevivência. Ou seja, as pessoas não estão partindo de nenhum conhecimento profundo ou filosófico para executar suas tarefas. São os modelos das relações comerciais já instituídas muito antes de suas existências que os guiam em suas ações diárias.

Por outro lado, o calçadão também faz parte do imaginário campinense como um tradicional espaço onde circulam tribos das mais diversas: estudantes, aposentados, desempregados, moto boys, políticos, músicos, torcedores de futebol entre tantos outros. É um espaço público que permite através da tradição e do ritual, a sociabilidade entre grupos semelhantes e diferentes, pois as pessoas vão lá não só para resolver problemas, consumir ou trabalhar. Motivados talvez, por um sentimento de pertença, boa parte dos que freqüentam o local estão apenas “contemplando” o ambiente. Guardadas às devidas proporções, se em “Tudo que é sólido se desmancha no ar” “a Nevski é o ponto de reunião e a linha de comunicação de São Petersburgo”, (Berman, 2008, p.230), no calçadão da Cardoso Vieira é possível ficar por dentro dos principais assuntos comentados na cidade, desde bastidores da política, futebol, a violência urbana na cidade, até focas. Essa relação que as pessoas estabelecem entre si e com os espaços públicos, os quais passam a representar para seus freqüentadores, uma extensão de suas próprias vidas cotidianas é resultado do que Maffesoli caracteriza como sinergia entre o espaço e a sociabilidade. Em outras palavras, esses espaços representam para esse público, um local de compartilhamento diário de percepções, valores, referências etc. Este ponto nos faz voltar a analogia da Rua Nevski, pois:

A finalidade essencial dessa rua, que lhe dá caráter especial, é a sociabilidade: as pessoas aí vão para ver e ser vistas e para comunicar suas visões uns aos outros, não por qualquer motivo oculto, ganhân-

cia ou competição, mas como um fim em si mesmo. (p.230)

Dessas inter-relações promovidas pela sociabilidade surge também socialidade ou empatia *comunalizada* (Maffesoli (2007) que é o não institucional, o mundano, o empírico, o resolver agora, as percepções e resoluções do senso comum. São características diferentes da sociabilidade que se caracteriza por relações institucionalizadas e formais numa determinada sociedade. Um exemplo recorrente de socialidade no calçadão é antiga disputa entre ambulantes e a prefeitura municipal que os proíbe de venderem seus produtos naquele ambiente e mesmo assim, não consegue impedi-los de trabalhar na clandestinidade. O cotidiano no Calçadão da Cardoso Vieira é assim, multifacetado, ponto de encontro, local de trabalho, palanque político, palco de artista e também lugar de não fazer nada. Vamos agora conhecer a coluna Calçadão do Jornal da Paraíba.

2 O Calçadão midiaticizado no Jornal da Paraíba

O Jornal da Paraíba possui em seus veículos impresso e virtual (site) uma coluna intitulada Calçadão. Trata-se de uma analogia ao espaço público descrito que, neste caso, tornou-se midiaticizado. Wellington Pereira chamou-nos à atenção para alguns problemas de abordagem do cotidiano efetivado pelas mídias:

Um dos problemas de representação da vida cotidiana nas mídias é o seu caráter disjuntivo. Ou seja, as editoriais de cidades ou gerais – algumas têm como título “cotidiano” – mostram o dia-a-dia

dos cidadãos através de uma lógica da irrupção social. Os fatos cotidianos aparecem isolados dos estatutos sociais e das forças estético-ideológicas empreendida na luta pela ocupação dos espaços na sociedade .

O cotidiano das camadas periféricas dos grades centros é sempre o que não deu certo, o fracasso de uma atitude social, ou mesmo, a demonstração da exclusão dos indivíduos do processo de modernização (...) (Pereira, 2008: 2)

A coluna Calçadão possui algumas semelhanças com o espaço público da Cardoso Vieira. Nos dois, é possível se falar de quase tudo que diz respeito ao cotidiano. Enquanto no caderno cidades, a política em seu sentido restrito, por exemplo, não tem espaço por possui editoria própria, nos dois “calçadões” não existe este tabu. Da mesma forma acontece com as outras editorias. Elas segmentam os temas, impondo limites separatistas que a coluna Calçadão não o faz. Através de pequenas notas, linguagem menos técnica e mais opinativa, o cotidiano se apresenta ao leitor “pulverizado” em denúncias, prestação de serviços, esportes, informes culturais, políticos, educacionais etc. A variedade e mudança rápida de temas se assemelha a um bate-bapo informal onde não existem restrições ou censura temática, veja:

1. Restaurante

O Restaurante Popular, localizado no 3º andar no Shopping Edson Diniz, Centro de Campina Grande, que passou por um processo de manutenção, reabrirá as suas portas na próxima terça-feira. Café

e jantar custam R\$ 0,50 (cada) e almoço R\$ 1. Prédio está fechado desde o mês de dezembro. (Jornal da Paraíba, *Calçadão*, 12/01/2009)

2. Aposentadoria

A concessão da aposentadoria por idade para os trabalhadores urbanos em apenas 30 minutos está ocorrendo nas agências do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). O novo sistema, que permite o reconhecimento automático de direitos, é resultado da ampliação da base de dados do Cadastro Nacional de Informações Sociais e facilita o atendimento aos segurados que não precisam mais comprovar a autenticidade dos dados já incluídos no cadastro. Mas os trabalhadores devem ficar atentos às regras legais básicas para que o benefício seja concedido pelo INSS. (Jornal da Paraíba, *Calçadão*, 12/01/2009)

3. Aposentadoria II

Para se aposentar por idade, o trabalhador urbano precisa ter 65 anos (homem) ou 60 (mulher) e um prazo mínimo de contribuições ao INSS. Aqueles que se inscreveram a partir de 25 de julho de 1991, devem ter 180 contribuições, o equivalente a 15 anos. No caso daqueles que se inscreveram antes dessa data, é utilizada uma tabela de transição com acréscimo de seis meses a cada ano. Para quem atingir a idade em 2009, por exemplo, são necessárias 168 contribuições, o equivalente a 14 anos. Quem completou a idade em 2008, por exemplo, precisa ter apenas

162 contribuições. (Jornal da Paraíba 12/01/2009)

4. Alerta em canal

A situação das bocas-de-lobo nas ruas de Campina Grande tem sido motivo de preocupação para os motoristas, principalmente depois das últimas chuvas. No canal de Bodocongó, um bueiro precisa de reparos e para os desatentos um galho foi colocado como sinal de alerta. Esta semana, a coluna já denunciou o mesmo problema na Liberdade. (Jornal da Paraíba, *Calçadão*, 25/01/2009)

5. Mega-Sena

A Mega-Sena pode pagar R\$ 1,5 milhão para quem acertar as seis dezenas do concurso 1042, que será sorteado hoje em Maceió (AL). Se aplicado na poupança, o rendimento mensal do prêmio é de R\$ 10 mil, o equivalente a 24 salários mínimos. Sorteio começa às 20h e apostas podem ser feitas em qualquer lotérica do País até uma hora antes. O valor da aposta simples custa R\$ 1,75 e ontem muitas pessoas procuraram as lotéricas de Campina Grande. (Jornal da Paraíba, *Calçadão*, 25/01/2009)

6. Confusão no Amigão

A diretoria não acreditou que a torcida fosse prestigiar o Treze na partida da última quinta-feira diante do Esporte, por causa da goleada sofrida para o Sousa, na estreia. Resultado: houve muito tumulto, revolta e confusão no setor de bilheterias da arquibancada principal (sombra) do Amigão, devido à quantidade mínima de ingressos colocados à venda. Conforme a imprensa

registrou, uma das alternativas do clube para amenizar o problema, foi vender ingressos para crianças em duplicidade – totalizando o valor de um ingresso inteiro - para dar acesso às arquibancadas. Muitos bilheteiros também não tinham troco para dar aos torcedores. Amanhã, na partida contra o líder Nacional, no PV, espera-se que os dirigentes tenham aprendido a lição de não subestimar os torcedores. (Jornal da Paraíba, *Calçadão*, 25/01/2009)

1. Apesar da proibição, alguns vendedores continuam comercializando produtos no Calçadão da Cardoso Vieira, em Campina Grande. Sem a presença das bancas, eles colocam os produtos nas mãos para disfarçar.
2. Os camelôs já avisaram que não vão deixar o local e aguardam audiência com o secretário de Obras e Serviços Urbanos (Sosur), Alexandre Almeida. Se a determinação não for cumprida, em breve a 'feira do Calçadão' estará de volta.
3. O número de afogamentos tem aumentado nos últimos dias no Estado e ontem mais um caso foi registrado. Argemiro dos Santos Júnior, de 14 anos, morreu ao tentar pegar o brinquedo que caiu em um açude no bairro do Mutirão, em Campina Grande.

Observe que a coluna reserva espaços para abordar o que é considerado banal por outras editoriais. Em que outra seção do jornal uma "boca de lobo" se tornaria notícia? Assim como o preço da refeição no Restaurante Popular, ou mesmo o aumento no número de

casos de afogamento no Estado. Isso acontece porque a coluna tenta se aproximar dos assuntos comentados em roda de conversas do dia-a-dia. Nestas conversas, o aparente pequeno problema de uma “boca de lobo” tem sua importância social, pois é algo que precisa ser resolvido em curto prazo para evitar maiores danos. Existe também a tentativa de criar um espaço de informações úteis, em seu sentido urgente, a exemplo das notas sobre a aposentadoria.

Não podemos deixar de destacar também que a vida cotidiana em ambos os “calçadões” é marcada pela *existência societal*. Ou seja, as conversas na rua, por um lado e os fragmentos dos assuntos abordados na coluna por outro, nada mais são que *resíduos* de análises de perspectivas da “vida vivida” em que os aspectos econômicos, políticos, do trabalho e do lazer formam uma “ordem superior” responsável por esses resíduos. A socialidade dos camelôs ao infringir uma proibição usando táticas de disfarce é um forte exemplo desses resíduos, tanto no Calçadão espaço físico como na coluna de mesmo nome. No primeiro caso porque é consequência do saber-viver, resultado da ordem econômica e organizacional instituída que precisa ser burlado para esses profissionais terem oportunidade de trabalhar. No segundo, porque a nota em questão trata a temática como Pereira (2008: 2) caracterizou a representação da vida cotidiana nas mídias, ou seja, de forma isolada “dos estatutos sociais e das forças estético-ideológicas empreendidas na luta pela ocupação dos espaços na sociedade.” Assim é o cotidiano, uma soma de fragmentos e resíduos considerados banais, mas que muito contribuem para a compreensão da sociedade.

3 Referências

- BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007
- CARDOSO JR., Nerione N. **Hannah Arendt e o declínio da esfera pública**. Brasília: Senado Federal, 2005.
- MAFESOLI, M. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- PEREIRA, Wellington. A comunicação e a cultura no cotidiano. **Revista Eletrônica Temática**. www.insite.pro.br